

## O Declínio da “Pátria de Chuteiras”: futebol, imprensa e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002

Ronaldo Helal e Antônio Jorge Soares

### 1 - Introdução

Nosso objetivo neste artigo é dar continuidade a um debate iniciado por Ronaldo Helal e César Gordon em “A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século XXI”, trabalho apresentado originalmente no GT “Comunicação e Sociabilidade” da Compós 2001<sup>1</sup>. Trata-se de um texto especulativo que aborda a forma como o futebol passou por um intenso processo de incorporação cultural até se constituir no que os brasileiros chamam de “a paixão nacional”. Helal e Gordon fazem uma reflexão sobre a chamada “crise do futebol brasileiro” e avaliam suas dimensões, articulando-a com as mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas, com as transformações culturais decorrentes do processo de globalização. Após fazer um balanço do papel do futebol na passagem de uma sociedade tradicional e rural para uma sociedade moderna e urbana, o artigo deixa em aberto a seguinte provocação: “se no século 20 o futebol ocupou um papel preponderante na história e na formação da identidade cultural do Brasil, o que poderemos pensar dele na virada para o século 21?”

Na ocasião, o relato do artigo feito pelo professor Micael Herschmann suscitou novas reflexões sobre o tema, demonstrando a necessidade de levantamentos empíricos sobre a questão concernente a relação entre futebol e identidade nacional no Brasil da atualidade. Helal e Gordon apontavam que os agentes do universo futebolístico não conseguiam ver que o “país do futebol” não era uma realidade natural, “mas uma construção social que dependeu de uma conexão *ad hoc* do futebol com instâncias mais totalizantes da vida social” e que na medida em que se colocava a ênfase do futebol como um produto a ser consumido num mercado de entretenimento cada vez mais pulverizado e diversificado, sem um projeto que o articulasse a tais instâncias mais inclusivas, o que se conseguia era esgarçar cada vez mais o vínculo estabelecido antes. (Helal e Gordon, 2002: 51).

---

<sup>1</sup>O artigo foi publicado mais adiante sob o título “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century” no livro *Sport In Latin American Society: past and present*, organizado por J.A. Mangan e Lamartine Da Costa, Frank London, Frank Cass, 2002. Ele saiu também na revista *Eco-Pós – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura*, UFRJ, 2002.

Herschmann, por sua vez, chamava a atenção para o fato de que com a globalização estaríamos presenciando dois movimentos, um de afirmação da cultura local e outro de manifestações culturais que operam a partir de referenciais globais. Muitas vezes, segundo Herschmann, “essas expressões da cultura local se reinventam hibridizando com outras globalizadas, desterritorializadas.” E aí ele questionava: “Porque não poder-se-ia adotar o modelo hegemônico global do futebol-empresa, hibridizando-o, re-territorializando-o?” Não discordamos das observações de Herschmann, mas observamos que estamos diante de um processo não acabado e que, portanto, alguns dos argumentos de Helal e Gordon tinham um caráter especulativo.

Assim, pretendemos no presente artigo realizar uma análise sobre a narrativa da imprensa na cobertura da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 2002. O material analisado concentra-se nos suplementos esportivos do Jornal do Brasil durante a Copa do Mundo de 2002 – iniciando-se dois dias antes e terminando dois dias após, totalizando 32 exemplares.<sup>2</sup> Nossa hipótese parte do princípio de que é em ocasiões como uma Copa do Mundo que o epíteto “Brasil: país do futebol” ganha uma dimensão mais intensa e singular. Mas, mesmo aqui, a força deste epíteto vem declinando e as narrativas jornalísticas em torno da seleção brasileira de futebol já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação. O que estaria em jogo na relação entre a cultura e o tratamento dado às notícias do futebol no Brasil?

## **2 - Esporte e Nação no Mundo Globalizado**

Competições como Olimpíadas e Copa do Mundo foram idealizadas como espaço de encontro pacífico entre as nações, onde a emulação e a busca de hegemonia deveriam ocorrer no espaço simbólico das conquistas esportivas. A mimese da guerra travada no esporte, isto é, a emulação entre nações, foi vista como uma atividade doce e pacificadora tal como o comércio nos Séculos XVIII e XIX.<sup>3</sup> Não podemos deixar de assinalar que tais competições

---

<sup>2</sup> Na verdade, foram coletados todos os exemplares do Jornal do Brasil e de O Globo durante o período. O material já foi utilizado para uma análise sobre a narrativa da trajetória de vida de Ronaldinho rumo ao posto de herói da seleção (Helal, 2002). Somos gratos às alunas Daniele Rivera e Nathalia Machado do curso de Comunicação Social da Uerj, pela coleta do material. A opção pelo Jornal do Brasil neste trabalho deve-se ao fato de que não foram observadas diferenças relevantes entre os dois jornais.

<sup>3</sup> Ver Hirschman (2000). Neste texto o autor aponta uma série de pensadores europeus que a partir dos séculos XVII e XVIII colocam o comércio como atividade benéfica, doce, civilizadora, isto é, com efeitos benéficos generalizados.

foram concebidas sobre a ideologia dos estados nacionais. Tomando por base as interpretações de Stuart Hall (2001) poder-se-ia afirmar que a tendência da globalização da cultura em curso - que rapidamente teve nos esportes um veículo de encontro, de trocas, de apropriações entre os diferentes estados-nações - estaria transformando ou desintegrando a identidade nacional sintetizada como narrativa homogênea na nossa “pátria de chuteiras”. Porém, isto não significa que a tendência de homogeneização cultural no mundo globalizado ocorra sem que haja resistências e diálogos.

Boa parte do vem sendo adjetivado como “crise do futebol brasileiro”,<sup>4</sup> presente nas páginas do jornalismo esportivo há mais de duas décadas, e que tem como argumento a queda de público nos estádios, a má situação financeira dos clubes e a carência de craques e ídolos da “época de ouro” (décadas de 50 a 70), talvez esteja profundamente associada a uma perspectiva de reação romântica, que não deixa de ser uma das formas de diálogo com o processo de globalização em curso. Observemos que o futebol brasileiro, ou mais especificamente, o jogador brasileiro que veste a camisa nacional também representa clubes da Europa ou de diferentes partes do mundo, além de representar empresas multinacionais na forma de gerir o capital e a produção. Uma empresa como a Nike, por exemplo, está associada a diferentes seleções nacionais e leva o consumidor a uma espécie de pluri-identificação, pois, identifica-se com a seleção, com o jogador e com a empresa simultaneamente.<sup>5</sup> As marcas empresariais estão amalgamadas com o fenômeno esportivo em nossos dias.<sup>6</sup> Assim, Ronaldinho, por exemplo, é ao mesmo tempo um representante do futebol brasileiro, ídolo de brasileiros, mas também de italianos e agora também de espanhóis. Suas camisas e produtos associados a ele são vendidas em todas as partes do mundo. A televisão transmite em tempo real um jogo do Real Madri para todos os continentes. Esse processo de desterritorialização do ídolo e do futebol, de redefinição de tempo e espaço, cria um novo processo de identificação e tradução das diferentes identidades culturais.

Observemos que as empresas patrocinadoras das seleções não vivem apenas do *merchandising*, elas passam a ser notícia na imprensa. Na final de 2002 entre Brasil e

---

<sup>4</sup> Para um estudo mais detalhado sobre a “crise do futebol brasileiro” e suas correlações com a cultura do país ver Helal (1997).

<sup>5</sup> Não podemos esquecer que hoje camisas de diferentes seleções nacionais são comercializadas em diferentes países.

<sup>6</sup> Lembremos a polêmica em torno da participação do tenista Guga nas Olimpíadas de Sidney se este poderia vestir a marca de seu patrocinador ou se seria obrigado a marcar que patrocinava o Comitê Olímpico Brasileiro. A este respeito ver Soares, Helal, Bartholo e Salles (2004).

Alemanha, uma matéria com 4 colunas, ocupando quase meia página, fazia a seguinte chamada: “A grande final da marcas: na disputa entre Adidas e Nike”, partida vai terminar sem perdedores” (JB: 30/06/2002, caderno de esportes, p. 9). Nesta matéria, os diretores destas empresas afirmam que não há perdedores. Luciano Kleiman, gerente de marketing da Adidas no Brasil, diz, por exemplo que “[N]osso projeto não depende de resultados das equipes patrocinadas. Estávamos presentes em 58% dos jogos nos uniformes e, em todos eles, com a bola oficial e em placas publicitárias” (JB: Idem).<sup>7</sup>

Mesmo diante desse processo de fragmentação das identidades nacionais, da formação de outras formas de identificação híbridas, dos processos de resistência e de reforço das identidades locais, a Copa do Mundo ainda traz uma estrutura narrativa que representa os nacionalismos afirmados entre os séculos XIX e XX. No Brasil, como sabemos, a partir dos anos trinta, o futebol e outras manifestações culturais passaram a fazer parte do projeto de construção da nacionalidade, e nisto o jornal, o rádio, os governantes e os mediadores culturais tiveram um papel fundamental.<sup>8</sup> O jornalista Mário Filho, seu jornal, seus artigos e seus vínculos emocionais e empresariais com a Copa de 50 podem representar um exemplar da construção nacionalista via futebol no Brasil (Soares, 1998). Contudo, observemos que mesmo neste período de exaltação e construção nacional presente na realização da Copa de 50, o futebol não era notícia de primeira página nos jornais ligados às camadas altas e médias (Souto, 2000: 32). Em função do sucesso da seleção brasileira e da manifestação de todos os setores sociais tais jornais foram obrigados a tornar o futebol matéria de primeira página. O que estamos argumentando é que as narrativas jornalísticas, se tomarmos como referência mesmo os anos 50, apesar das diferenças entre os veículos, foram obrigadas a narrar o futebol como uma expressão da nacionalidade, tanto pela estrutura da competição das copas quanto pelo projeto nacional que construía uma imagem homogeneizante do “ser brasileiro”, imagem essa que teve grande impulso e eficácia a partir da “Era Vargas”. Hoje, embora o projeto de nação tenha assumido outros contornos, as narrativas jornalísticas ainda tomam o futebol

---

<sup>7</sup> A Folha de São Paulo durante as Olimpíadas de 1996 apresentou o ranking de medalhas dos patrocinadores das equipes nacionais na matéria, “Negócios: patrocinador oficial leva mais medalhas de ouro nos Jogos que consagram as grandes empresas esportivas”, Folha de São Paulo, Caderno de Esportes, p. 10, 11/08/1996.

<sup>8</sup> Ver Pereira, (2001); Souto, (2002) e Soares (1998; 2001). Vianna (1995) trabalha com o conceito de mediadores culturais quando argumenta que os intelectuais modernistas tiveram um papel fundamental na transformação do samba em música nacional, o mesmo pode ser pensado para o futebol. Observemos que este debate da ‘genuína música nacional’, o samba de raiz, bem ao estilo do romanticismo alemão de Herder, também está presente nas narrativas da “essência do futebol brasileiro”.

como emblema da nação durante a Copa, embora possamos já verificar uma transformação em curso nos cadernos esportivos.

### **3 – O Jornalismo Esportivo**

Embora a ideologia do jornalismo em geral paute-se na objetividade da notícia, o segmento esportivo parece permitir um relaxamento do rigor da objetividade que se constitui na ideologia da profissão (Souto, 2002). No jornalismo esportivo, a opinião e o julgamento se confundem com a própria notícia. Os jornalistas e colunistas, em geral nesta especialidade, assumem publicamente o clube, os jogadores e técnicos de suas preferências, ainda que, muitas das vezes, lancem mão da retórica da objetividade e do distanciamento na apresentação de suas análises. Tanto para o jornalista esportivo quanto para o crítico de arte, a dimensão do gosto e do amor pela atividade ainda parecem ser requisitos fundamentais para o exercício deste tipo de especialidade. Essa é uma tradição que remonta ao tempo de Mário Filho quando dizia aos seus jornalistas que a notícia esportiva deveria vir carregada de emoção e ser “quente”: era como se o jornalismo investigativo, a denúncia, não coubessem nas páginas esportivas (Soares, 1998). Assim, o jornalismo esportivo parece se ressentir, pela própria estrutura do esporte, da necessidade de transmitir notícias e informações sem que se apague a chama da emoção e excitação que o esporte provoca nas pessoas. Nesse sentido, Mário Filho dizia que não se poderia pela exceção de casos (como, por exemplo, corrupção de árbitros) fazer desacreditar o esporte (Castro, 1992: 225).

Se por um lado, a estrutura do esporte demanda, além da veiculação da notícia, a necessidade de transmitir emoção, por outro, o campo do jornalismo, como qualquer outro, produz lutas internas de emulação de *status* entre as diferentes especialidades e seções no jornal (política, economia, polícia, esporte etc.). Assim, o jornalismo esportivo na busca de sua valorização interna no campo cada vez mais se aproxima da ideologia da objetividade. O jornalismo investigativo, ainda que modestamente, começa a ser pauta no caderno de esportes; matérias dedicadas a temas culturais e sociológicos sobre o esporte também passaram a ser notícia.

De fato, se assistimos a uma lenta e gradual transformação da relação da sociedade com o esporte e da forma de noticiá-lo, como a narrativas esportivas se comportam diante da Copa do Mundo, onde a ideologia nacionalista está presente na estrutura do evento e existe

demandas interna do campo do jornalismo e transformações culturais de amplo espectro que englobam o futebol?

Podemos observar, tomando por base os cadernos esportivos do Jornal do Brasil durante a Copa do Mundo de 2002, que boa parte das matérias ressaltam o caráter eminentemente técnico do futebol e dão espaço para outras informações de caráter mais geral que se relacionam com o grande evento. Em alguns momentos, há um descompasso entre narrativas que insistem em resgatar a nação em um campo de futebol e o que se passa no cotidiano do brasileiro. Nessa direção, parece existir diferença entre noticiar fatos e informar os aficionados por um esporte e transmitir emoções tornando o esporte ou a seleção nacional em metáfora da nação. A nossa preocupação a seguir é apresentar uma análise crítica das 32 edições do caderno de esportes do Jornal do Brasil, observando como as narrativas jornalísticas se articularam com a narrativa da nação e, em que medida caminharam em direção à objetividade apresentando aspectos técnicos, econômicos, culturais do futebol e do evento por diferentes olhares e vínculos.

#### **4 – A Imprensa e a Copa do Mundo de 2002**

Dias antes do início da Copa do Mundo o Jornal do Brasil dedicou o seu Caderno Idéias<sup>9</sup> (JB: 25-05-2002) ao tema do futebol. Aqui encontramos artigos de jornalistas, de um geógrafo que estuda a difusão do futebol pela ótica de sua disciplina, um psicanalista analisando os problemas da transformação de meninos pobres que se transformam em celebridades, um filósofo que analisa a narrativa em torno da “família Scolari” como um discurso despótico, além de resenhas e apresentações de livros que tratam o tema do futebol. Também nestas páginas podemos notar que está se tornando lugar comum reclamar a ausência de títulos sobre esse esporte considerado paixão nacional, ainda que observamos hoje uma multiplicação de títulos sobre o futebol no Brasil e a tradução de títulos estrangeiros sobre o tema. Este caderno já pode ser visto como uma demonstração de uma certa mudança de atitude no tratamento do tema, isto é, o jornal dá voz aos especialistas para realizarem análises mais distanciadas. A exceção desse caderno é o artigo “Os donos da bola”, de Augusto Nunes, onde notamos o louvor às imagens românticas do futebol brasileiro (futebol de várzea, da “pelada” e dos gênios) que se misturam com a identidade do brasileiro.

---

<sup>9</sup> O Caderno Idéias é dedicado a resenhas de livros e sai sempre aos sábados.

Nas edições que antecedem a Copa do Mundo de 2002, observamos que a seleção brasileira não inspirava a confiança da mídia, mesmo após ter vencido um amistoso contra a seleção da Malásia por 4 a 0. O aspecto técnico da armação da equipe concentra boa parte da atenção das matérias e colunas de opinião. O modelo de “três zagueiros” e as padronizadas modificações de jogadores no ataque durante os jogos pelo treinador Luis Felipe Scolari são os principais alvos de crítica. Lembremos que a seleção brasileira se classificou para o evento com certa dificuldade e por este motivo saiu do Brasil “desacreditada”. A vitória sobre a Malásia teve a seguinte manchete: “Brasil goleia na despedida”, com o subtítulo, ‘Time demora 51 minutos para fazer gol na fraca Malásia, mas chega ao placar de 4 a 0’ (JB, 26/05/2002, caderno de esportes, p. 28). O texto ressalta que a seleção da Malásia é a 112<sup>a</sup> no ranking da Fifa e a seleção demorou 51 minutos até marcar o primeiro gol; e ainda chama a atenção para o fato de que o time jogou melhor com os reservas. Não podemos esquecer que houve uma grande campanha para que o técnico Luiz Felipe Scolari convocasse Romário. O treinador resistiu a todas as pressões da imprensa esportiva, de artistas, de políticos, inclusive do ex-presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, que solicitavam a presença do herói da Copa de 94 na “família Scolari”.

De uma forma geral, a cobertura da imprensa sobre a Copa do Mundo de 2002 concentrou-se primordialmente em matérias de cunho técnico, escritas para o público aficionado pelo esporte, não levando em consideração a legião de “torcedores de Copa do Mundo”.<sup>10</sup> Questões relacionadas à identidade nacional apareceram timidamente na totalidade das matérias selecionadas, muitas delas encontravam-se subjacentes nas crônicas e reportagens que falavam do estilo de jogo da seleção. Entretanto, na medida em que a seleção foi obtendo êxito e foi se aproximando da conquista a tendência a este tipo de narrativa aumentou.

Logo no início da Copa do Mundo as colunas dos jornalistas Roberto Assaf com o título “Diário de um Tricampeonato” (JB, 24/05/02, caderno de esportes, p. 21) e de

---

<sup>10</sup>Em períodos de Copa do Mundo, uma legião de torcedores ocasionais que só aparece de quatro em quatro anos - justamente nas Copas do Mundo - se junta aos aficionados e faz do evento uma competição que transcende o universo esportivo, encarando a seleção como “a pátria de chuteiras”, expressão cunhada pelo dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues para exprimir o papel da seleção brasileira nos anos 50 e 60 e que expressava com muita propriedade a relação entre identidade nacional e seleção. Podemos especular, com boa margem de segurança, que para estes torcedores ocasionais, o noticiário televisivo bem como a publicidade estampada em diversos veículos de comunicação davam uma atenção especial. Para um estudo sobre a representação do brasileiro na publicidade da Copa do Mundo ver o trabalho de Gastaldo (2002).

Marcos Caetano com a manchete “Dez Razões para Acreditar” (JB, 27/95/2002, caderno de esportes, p. 2) tocam no tema e dão o tom do discurso ambíguo que vai prevalecer até o final da competição. O jornalista Roberto Assaf relata de forma emocionada suas lembranças da conquista da Copa do Mundo de 1970 e registra o feriado nacional que ocorreu por dois dias, em um tom saudosista e ao mesmo tempo crítico: “hoje, 32 anos depois, considero tal feriado um absurdo”. Este registro pode muito bem estar sinalizando a mudança da relação entre a seleção e a nação. As conquistas de 1994 e de 2002 não proporcionaram feriados nacionais, por exemplo. Ressaltemos ainda, que por mais que se fale em “crise do futebol brasileiro”, nunca antes a seleção tinha ido às finais da Copa do Mundo por três vezes consecutivas, vencendo duas. Neste espaço, tanto as celebrações das conquistas (1994 e 2002) quanto o sofrimento da derrota (1998) transcenderam muito pouco o universo esportivo. As conquistas da seleção em 1994 e 2002 não foram dramatizadas como as “vitórias da nação brasileira” nem tampouco a derrota na final contra a França em 1998 foi sentida como “a derrota do país”,<sup>11</sup> bem diferente das dramatizações que ocorreram em torno da derrota na final da Copa de 1950 e da conquista do tricampeonato em 1970.<sup>12</sup>

O jornalista Marcos Caetano fala da “vocação” do brasileiro na esperança. O texto começa assim: “Brasileiro, profissão: esperança. Um espetáculo com este tema marcou época nos palcos nacionais(...)Na semana que começa a Copa do Mundo, exercer nossa profissão de fé torna-se mais importante do que nunca”. E termina da seguinte forma: “Pátriaamanda, patriaminha, patriazinha. Com os versos de Vinícius de Moraes no coração, embarcarei depois de amanhã num vôo que, após escalas, baldeações e quase 40 horas, há de me largar em Ulsan. Sou brasileiro. Portanto, sou esperançoso profissional. Mesmo que, como profissional, não esteja tão esperançoso assim” (JB, 27/95/2002, caderno de esportes, p. 2). Se não chega a se utilizar da seleção como metáfora da nação, Caetano a utiliza para reforçar um estereótipo: “Brasileiro, profissão: esperança” e também se coloca distante da ideologia da objetividade jornalística. A narrativa transcende assim o universo esportivo e trata do evento como uma maneira única de revelar uma faceta do “caráter brasileiro” para

---

<sup>11</sup> Certamente a CPI do futebol ganhou força após a derrota em 1998, mas mesmo assim, o debate pouco transcendeu o universo esportivo.

<sup>12</sup> Para uma reflexão sobre futebol e *ethos* nacional tendo como ponto de referência a Copa do Mundo de 1970, ver Vogel in Da Matta (1982). Sobre a dramatização da derrota na final da Copa de 1950, ver Mário Filho (1964) e Perdigão (1986).

o exterior. De fato, a Copa do Mundo pode ser vista como “um duelo entre nações”. Porém, não cremos que o envolvimento do brasileiro neste período seja muito diferente do que ocorre com argentinos, italianos, alemães ou franceses. Países que adotaram o futebol como esporte mais popular da nação e que possuem alguma tradição na Copa do Mundo tendem a se envolver mais e a ter um comportamento mais patriótico e nacionalista durante o evento, até porque o evento estrutura a narrativa do estado-nação<sup>13</sup>. Talvez a nossa marca, o nosso diferencial, esteja no número de conquistas, de jogadores muito talentosos revelados de tempos em tempos (com Pelé sendo considerado o atleta do século XX, por exemplo, e Ronaldinho eleito três vezes o melhor do mundo) bem como da tentativa (eficaz, até certo ponto) de se construir um projeto de identidade nacional através do futebol durante as décadas de 40 e 50.

Este “duelo entre nações” ficou estampado na manchete “Melhor é Impossível” – “Brasileiros fazem festa com tropeço da França diante da zebra senegalesa” (, caderno de esportes,01/06/02 p.1). No final da matéria, fotos com a legenda: “Enquanto os jogadores do Senegal comemoravam dançando a vitória na abertura da Copa, os brasileiros vibravam com a inesperada vingança contra os algozes de quatro anos atrás”. Mas mesmo assim, este “duelo entre nações” pode ser lido como um “duelo entre equipes de futebol adversárias”, já que o mesmo ocorre em nível local quando, por exemplo, uma equipe tradicional de um estado é rebaixada para a segunda divisão e os torcedores adversários se regozijam do fato. Também não podemos esquecer que pela ideologia da miscigenação temos nos povos africanos uma espécie de vínculo de identidade que são narradas por meio do futebol, além de outras expressões culturais que se manifestam na música, na narrativa da alegria e da ingenuidade. Todas características românticas vinculadas à identidade.<sup>14</sup>

Nas edições seguintes, observamos algumas matérias onde questões de identidade aparecem reforçando estereótipos locais, mais do que nacionais. O Jornal do Brasil, antes crítico ao técnico Luis Felipe Scolari (como boa parte da imprensa), vai publicando matérias que contribuem para construir um personagem simpático, tipo “paizão”, que se faz de forte, mas no fundo é meigo. Isto fica evidente na matéria “Uma manhã para contar causos” (JB,01/06/02, caderno de esportes, p.4), onde a identidade gaúcha de Scolari é

---

<sup>13</sup> Para a relação entre futebol e nação na Argentina, ver os trabalhos de Alabarces (2002) e Archetti (2003).

<sup>14</sup> A forma de jogar das seleções africanas são frequentemente narradas como semelhante ao estilo de jogo brasileiro.

reforçada como um tipo aparentemente durão, mas leal, sincero, enfim, “boa praça”, “contador de causos”.<sup>15</sup> Após a vitória sobre a Inglaterra por 2 a 1 a manchete dá o tom da redenção: “Vitória revela um outro Felipão – Caem as primeiras lágrimas do homem que prometeu pôr a Seleção nas semifinais e cumpriu” (JB, 22/06/02, caderno de esportes, p.4)

Outro aspecto que merece destaque ocorreu após o corte por contusão de Emerson, jogador de meio campo e capitão da seleção, ocasião em que a questão esporte-nação aparece subjacente na discussão sobre estilo de jogo. Em matéria assinada por Joaquim Ferreira dos Santos com o título “Falta alguém na posição de ‘Dunga’” (JB, 03/06/02, caderno de esportes, p.4) lemos que: “O dunga é uma posição fundamental nas seleções modernas” e ainda: “o dramalhão brasileiro, aquele que outrora sambava com a bola no pé, está de volta. No capítulo anterior, a convulsão. Agora, a luxação”. Não cabe aqui nenhum julgamento de valor às qualidades técnicas do ex-jogador de futebol Dunga, mas sim ao que ele foi simbolizado. Dunga era como se fosse a antítese daquilo que os brasileiros idealizam como sendo o “futebol-arte”. A conquista da Copa de 1994, em que foi capitão da equipe, apesar de ter lhe proporcionado sua redenção no esporte, foi celebrada como a vitória da “malandragem”, simbolizada no futebol de Romário<sup>16</sup>. Revelador observar como em um espaço curto de tempo o estilo vigoroso e duro na marcação passa a ser celebrado e o “futebol que sambava com a bola no pé” é visto como um “dramalhão”. Mas o mesmo jornalista assina a matéria “A Seleçãozinha Brasileirinha: história do futebol tetracampeão pode ser escrita a partir dos nomes de seus jogadores” (JB, 05/06/02, caderno de esportes, p. 4) e escreve: “Em 58 ganhamos com Garrincha, Zito, Vavá, Dida, Didi – o apelido dava a dimensão da espécie. Um futebol brincalhão, de jogadores sem assessores de imprensa, sem louras e recém-chegados das ruas onde ganharam as alcunhas. O clima era de pelada genial e divertida.” Esta dubiedade entre o que se convencionou classificar de futebol-arte e futebol-força parece significar o esmaecimento do debate em torno da questão do estilo diferenciado de jogar brasileiro em um futebol cada vez mais globalizado. Assim, se foi possível identificar um estilo de jogo brasileiro nas décadas de 50 e de 60, hoje em dia isto se restringe a um discurso romântico e saudosista verificado em algumas crônicas

---

<sup>15</sup> Em maio de 2002, Helal participou do Colóquio Interdisciplinar “Futebol Mídia e Sociedade” na Unisinos onde pôde verificar que a leitura que os gaúchos faziam do “confronto” entre o técnico Scolari e o jogador Romário remetiam a um duelo entre o sul e a região sudeste. Tal leitura não foi verificada nos exemplares analisados. E ainda: se havia restrições ao técnico, elas foram sendo abolidas no decorrer da competição.

<sup>16</sup> Para uma análise sobre a trajetória de Romário na Copa de 1994, ver Helal (2002).

esportivas. A ambigüidade do jornalista em questão pode ser mesmo um sinal deste esmaecimento desta narrativa, ou revelar o paradoxo do jornalismo esportivo que pretende ao mesmo tempo transmitir a emoção pela narrativa da identidade, da memória, e opinar e valorizar a modernização do futebol.

A indefinição sobre a preferência ou mesmo existência de um estilo de jogo diferenciado continua na matéria “O Brasil bom de alegoria: TV Coreana exhibe ‘beautiful game’ de Denílson e Roberto Carlos (JB, 10/06/02, caderno de esportes, pp.1 e 3) onde o mesmo jornalista – Joaquim Ferreira dos Santos, diz o seguinte:

“Não somos bons de conjunto e quem já viu um desfile da Mangureira na Sapucaí sabe – o quesito forte é alegoria, o destaque. O mestre-sala Delegado, o pontaesquerda Denílson. A televisão coreana também entendeu o espírito da coisa e não perdeu tempo em reclamar que o time brasileiro está sem coordenação no meio de campo e perdido na organização da sua zaga. Preferiu passar boa parte do dia de ontem exibindo as pequenas jogadas dos craques brasileiros contra a China. ‘Dez, nota dez’, parece dizer o locutor. A Matada na coxa de Roberto Carlos, um drible esquisito de Juninho. Foram valorizados lances que na tv brasileira nunca recebem *replay* – como o jeito estiloso de Rivaldo pentear a bola -, mas que continuam fascinando o mundo. No exterior, o nome que se dá a esse futebol jogado exclusivamente pelos brasileiros é o *beautiful game*. No Brasil às vezes torce-se a cara: ‘sem objetividade’ (...) Os cliques foram repetidos durante toda a programação. (...)Mas suas imagens parecem dizer que, numa Copa sem qualquer revolução no conjunto, a alegoria pode ser o quesito decisivo do desfile. E nisso – há uma cena em que Denílson dribla um chinês tabelando com a perna do adversário – nisso, ainda somos dez, nota dez”

Em outras palavras, se nós temos alguma dúvida sobre qual a melhor forma de atuar e se, de fato jogamos diferentes, os estrangeiros parecem não ter dúvidas sobre a nossa singularidade e se extasiam com ela, segundo o articulista. Mais adiante, na matéria “O Brasil que Pedala – Drible de Ronaldinho Gaúcho em Cole é a cara desta seleção” JB, 24/06/02, caderno de esportes, p.4) o mesmo jornalista parece se render de vez ao discurso do estilo artístico de atuar do brasileiro:

“A vitória do Brasil nas Copas é a história de seus dribles célebres. Em 58 e 62, a seleção ganhou com o ‘finge-que-vai-e-vai’ do Garrincha (...) o ‘drible da vaca’ consistia em passar a bola por um lado do adversário e correr pelo outro, deixando o sujeito sem saber atrás de quem corria. O mais célebre de todos os ‘dribles da vaca’ foi o que Pelé deu no arqueiro uruguaio Marzukievski na Copa do México em 1970. Com um plus a mais: foi um ‘drible da vaca’, sem tocar na bola, anexando à cena um drible de corpo extra no goleiro. O resto é história. O chute final saiu raspando a trave e deve estar sendo reexibido neste momento em algum

canto do mundo. Em 1994, como se sabe, fomos dungamente alemães. Não houve dribles. Mas Romário marcou pelo Vasco gols inesquecíveis que começaram com o ‘drible elástico’, uma marca consagrada também, no repertório de Rivelino. Romário oferecia a bola, presa embaixo do pé, ao defensor. Era a abertura do elástico. Quando o adversário pulava em cima daquela bola tão fácil, Romário puxava o elástico de volta e trazia a bola junto, começando uma corrida pelo lado que o beque deixou liberado. Eis que agora surge o desconcertante ‘drible da pedalada’. A origem do nome é óbvia. O jogador passa uma perna por cima da bola, sem tocar, passa a outra, novamente sem tocar, e a sensação é de que está pedalando uma bicicleta imaginária, no ar (...) o zagueiro que tenta impedir essa loucura, fica tonto com o domínio do brasileiro.”

Chamamos a atenção para o fato de que esta discussão de “estilo brasileiro” de praticar o futebol raramente aparece nas competições locais. Nas partidas disputadas pelas equipes locais, a mídia valoriza sobremaneira a disposição, a vontade e a determinação dos jogadores. As equipes vencedoras de seus Estados ou do Campeonato Brasileiro são descritas como as mais regulares, determinadas, que jogaram com “garra” e disciplina tática.<sup>17</sup> O lado estético - “futebol-arte” - só é, de fato, exigido para as partidas da seleção, mostrando que, quando se trata dela, estamos diante de um universo separado do futebol ordinário vinculado aos seus “lugares”. Contudo, a memória, em forma de identidade do futebol-nação, é sempre acionada nos eventos de Copa do Mundo, seja no fracasso ou no sucesso. Observe-se que mesmo aqui parece ocorrer, ainda que de forma lenta e gradual, um processo de esmaecimento do debate, resultado de um futebol cada vez mais globalizado, onde os ídolos ou heróis do esporte pertencem menos aos seus clubes ou países do que às marcas que os patrocinam.<sup>18</sup>

De fato, o futebol como narrativa nacional perde força se observarmos que, nesta última copa, 48% dos jogadores estavam atuando na Europa, independente de sua nacionalidade. Neste mundial houve um aumento da ordem de 16% em relação à última Copa. O mercado também se expressa entre o centro e a periferia no futebol se compararmos que a Europa teve 529 atletas, contra 84 da América do Sul, mesmo se considerarmos que nas dezesseis edições do evento esses continentes possuíam, antes da vitória do Brasil, 8 títulos cada.(JB, 26/05/2002, caderno de esportes, p. 26).

---

<sup>17</sup> A final do Campeonato Brasileiro de 2002 entre Santos e Corinthians reacendeu o debate devido aos valores individuais da equipe do Santos. Mas o fato pode ser visto como uma exceção que confirma a regra.

<sup>18</sup> Observe o contrato vitalício que a Nike possui com Ronaldinho.

A questão esporte-nação aparece também nas matérias sobre outras seleções. Em “A Argentina que faz o dever de casa – País vara a madrugada para assistir à impressionante vitória da seleção sobre a Nigéria” (JB, 03/06/2002, caderno de esportes, p.8) temos o seguinte: “mesmo magro, o resultado ampliou a expectativa para o jogo de sexta-feira com a Inglaterra. Depois de inúmeras desilusões, os argentinos parecem ter encontrado algo em que podem confiar: sua seleção”. E em “Ruas que vibram e sofrem: entre Londres e Buenos Aires, clima vai da festa total à solidariedade” (JB, 08/06/02, caderno de esportes, p.1) registra-se:

“Exatamente no mesmo instante – descontadas as quatro horas de fuso entre Buenos Aires e Londres – argentinos e ingleses saíram ontem às ruas. Do lado de lá do Atlântico, gritos e bandeiras encheram o centro londrino de felicidade. Do lado de cá, uma multidão melancólica tentava demonstrar otimismo. Um minuto antes dessa romaria espontânea começar, as duas capitais pareciam cidades-fantasma. Argentinos e ingleses estavam em casa, diante da TV, vibrando ou sofrendo com a vitória da Inglaterra (1 a 0) sobre a Argentina, a ‘batalha do século’, a ‘revanche histórica’ entre duas das seleções de maior prestígio desta Copa do Mundo (...) A soberania nacional sempre está em jogo quando se trata de um confronto com a Argentina”.

Estas matérias apontam para o que dissemos anteriormente sobre a semelhança entre a relação do brasileiro com a Copa e outras nações com o evento. Há um mito de que somente nós paramos para assistir a Copa do Mundo, que os brasileiros a vivem de forma mais intensa do que outras nações. Nestas matérias, cremos que a imprensa começa gradualmente a desmistificar esta crença pelo fluxo e velocidade das informações que circulam num mundo globalizado. Até mesmo na matéria “O Dia em que o Saara Parou” após a partida Brasil e Bélgica (JB, 18/06/02, caderno de esportes, p.5) este movimento pode ser verificado: “Com a vitória da seleção confirmada, a vida da Saara voltou ao normal. Em cinco minutos, todas as lojas já estavam abertas”.<sup>19</sup>

Ainda como mostra de um jornalismo mais crítico, o colunista Roberto Assaf em “Conselho aos Navegantes” (JB, 14/06/02, caderno de esportes, p.6) critica algumas opiniões expressas na Seção de Cartas bem como algumas colunas assinadas que protestam contra o futebol e conclui: “O Brasil, acredite, não ficará melhor nem pior se a seleção ganhar ou perder o Mundial. Mas pode ter a certeza de que sem o futebol haveria ainda

---

<sup>19</sup> Saara é um popular centro comercial localizado na cidade do Rio de Janeiro.

mais desemprego e miséria no país. E menos alegria, é claro.” Este tipo de afirmação se vincula a desconstrução do mito que o futebol é o “ópio do povo”, que circulou nos anos 60 no campo acadêmico e se popularizou na mídia como uma opinião “cultura” durante várias participações do Brasil em copas após a ditadura.<sup>20</sup>

As narrativas jornalísticas sobre o futebol no Brasil estão em processo de mudança. Notamos a permanência de narrativas ainda apegadas à afirmação da identidade nacional e outras que tentam, de certa forma, desmistificá-las. Não é por acaso que cada vez mais os jornais estão dando voz aos especialistas e estudiosos do futebol. No entanto, quanto mais a seleção se aproximava do jogo final as narrativas de valorização do “estilo nacional de futebol” e o acionamento da memória das grandes vitórias e ídolos do passado vão ganhando espaço. Pequenas colunas sobre jogadores brasileiros campeões do mundo são colocadas na véspera da final (JB 30/06/2002). O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos afirma na véspera da final que:

“O Brasil fez sua parte. Depois de ganhar em 94, ter tido uma convulsão em 98, a seleção de Felipe Scolari veio ofensiva, com um bando de malabaristas elétricos honrando a tradição de Garrincha, Pelé, Jair, Rivelino e outros mágicos da bola. O gol de Ronaldinho contra a Turquia na semifinais, o drible pedalada com que Ronaldinho Gaúcho entortou a defesa da Inglaterra, a matada no peito e a virada de Rivaldo contra a Bélgica, todas essas jogadas já estão entronizadas na galeria das cenas inesquecíveis da temporada, gemas de um futebol em essência divertido e leve.”(JB: 30/07/2002, p. 7)

O colunista Armando Nogueira, na esteira da euforia, dizia também na véspera da final:

“[O] futebol brasileiro é isso mesmo: centelha pura. Tal como um verso, que vem de um sopro divino, o drible, o passe de curva ou de calcanhar são invenções que a razão desconhece. Um drible de Ronaldinho Gaúcho é o retrato perfeito do proverbial jeitinho brasileiro, que hoje, mais do que nunca, há de fazer a diferença. Pro bem da fantasia, pro bem do sonho. Amém” (JB: 30/07/2002, p. 9).

Apesar dos arroubos de filiação romântica presente nos textos acima, devemos observar que a manchete do Caderno de esportes fez a chamada para a final da Copa

---

<sup>20</sup> Observamos que este tipo de opinião começa a ser criticada no meio acadêmico a partir da década de 80. Ver Da Matta (1982).

colocando as imagens de Ronaldinho e Oliver Kahn como o grande duelo. Tal polarização se deu por razões óbvias. Ronaldinho, atacante com um expressivo número de gols na competição, Kahn apontado como o melhor goleiro. Apesar disto, poderíamos questionar: por que aqui o jornal não destacou em suas manchetes a emulação entre os estados-nações? Se observarmos as matérias da seleção brasileira durante a fase de desconfiança sobre a seleção e mesmo quando começou a lograr sucesso, iremos ver que o destaque foi dado à “Família Scolari”, ao desafio heróico que Ronaldinho tinha que ultrapassar pelo insucesso na final da Copa do Mundo de 1998 e às críticas relacionadas com questões técnicas e táticas adotadas na seleção. Não se pode esquecer que as vitórias com jogadas estéticas, tal como a de Ronaldinho gaúcho sobre a Inglaterra, esvazia de certa forma todo o debate técnico e tático para enaltecer “as características naturais do jogador brasileiro” e as singularidades do “nosso futebol”. Todavia, tal característica vem perdendo seu aspecto de homogeneidade ou dominância na construção das narrativas.

O jornalista Aydano André Motta escreve, por exemplo, um artigo de três colunas ocupando boa parte da página direita, intitulado “Aos estetas do futebol a vapor”, criticando as interpretações do futebol brasileiro a partir do memorável passado. Ele chama a atenção que “[H]á pelo menos um par de décadas, nenhum resultado consegue agradar a uma parcela robusta da torcida- além de um quinhão influente da crônica esportiva” (JB: 23/06/2002, caderno de esportes, p. 3). Continua sua argumentação dizendo que a amargura move o nosso cotidiano esportivo que se potencializa com a exaustão da repetição dos memoráveis passes, jogadas e gols de Didi, Gérson, Pelé e Garrincha. Sentencia em tom de exortação:

“Qualquer que seja o destino brasileiro na Copa de 2002, deve-se consignar: será pelos séculos afora um prazer assistir ao futebol a vapor, aquelas imagens espetaculares, quase ficção. O eterno show de bola. Mas já passou da hora de encerrar comparações. Não há como medir o jogo de hoje baseado no de ontem. [...] A separar os dois, há um abismo de evolução tecnológica, científica que transfigurou o esporte. É como comparar tijolo com vaca. [...] Ronaldinho, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e alguns (poucos) outros não merecem ser condenados pela época em que vivem. São craques incontestáveis, como demonstram suas biografias. São o verdadeiro futebol brasileiro - o que ganha. Ao contrário de Denílson, essa inutilidade reboletiva que emplacou a segunda Copa consecutiva como redenção moderna do futebol a vapor. Até a China consegue anulá-lo.”(JB, 23/06/2002, caderno de esportes, p. 3).

O tom emocional do artigo representa uma espécie de voz de exortação aos que avaliam o futebol do presente pela memória - que é sempre reconstruída, atualizada e editada – de um passado áureo. Esse tipo de voz vem surgindo pouco a pouco na imprensa como uma reação de crítica interna ao jornalismo esportivo e, talvez, um embate entre gerações de jogadores, torcedores e jornalistas.<sup>21</sup> Reações desse tipo talvez estejam formando parte de um movimento que pretende colocar a seção de esportes afinada com a ideologia da profissão.

## **5 - Considerações Finais**

Esse debate se torna importante para o campo da teoria da comunicação na medida em que os meios de comunicação de massa – no caso, os jornais - foram elementos fundamentais na construção das comunidades imaginadas, no sentido de Benedict Anderson. Os jornais, por exemplo, se tornaram fonte de pesquisadores de diferentes áreas (sociologia, história, comunicação, educação física e outras) para estudar o tema da construção nacional.<sup>22</sup> Nesta direção a reflexão sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística que se constitui num dos pilares da profissão.

Temos que admitir que estamos partindo do pressuposto, presente em vários estudos sobre futebol e identidade, que a narrativa jornalística tinha no passado, principalmente a partir da Copa de 50, um caráter mais homogêneo e totalizante em torno do projeto nacional. No entanto, poderíamos questionar até que ponto as narrativas jornalísticas sobre as participações nesses eventos assumiu esse caráter homogeneizante no passado. Pois, se partimos de outro pressuposto presente nos estudos culturais que afirma que não existe cultura pura e nem homogênea, e que tais construções são frutos de embates, pensamos que seja necessário que revisitemos os jornais de outras copas com o olhar voltado para as

---

<sup>21</sup> Ver o debate em torno do futebol de ontem e o de hoje iniciado na imprensa pelo artigo de Joaquim Ferreira dos Santos (JB: 7/10/2001, p. 33), que considerava o futebol de 70, visto pelos vídeos-teipes, chato, medíocre e que naquela época era muito fácil de se jogar. Rapidamente o artigo gerou resposta na coluna do Tostão e a crítica de Augusto Nunes na edição do JB: 14/10/2001, p. 26.

<sup>22</sup> O Grupo de trabalho, Deporte y Sociedad da CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – do qual os autores do presente artigo são membros, tem a narrativa jornalística como um dos principais objetos de análise para observar como ela se articula na construção das identidades via esporte.

transformações da narrativa esportiva no sentido comparativo para construção de uma sócio-gênese desta especialidade jornalística.

Uma das questões colocadas por Micael Herschmann no relato do trabalho de Helal e Gordon na Compós 2001 era a seguinte: “por que ao transformar o futebol em produto não podemos continuar associando o futebol à domínios totalizantes?” cremos que mesmo após a análise do material impresso sobre a Copa do Mundo de 2002, teríamos que pensar melhor sobre isso. Não é uma questão fácil. Implica pensar se o "mercado" atual poderia ser visto como domínio totalizante, em "estado nacional", "território nacional", "cultura nacional". Difícil pensar num "produto" associado a esses domínios.

Outra questão colocada por Herschmann dizia respeito ao fato de que há novos ritos de sacralização do futebol, especialmente midiáticos, como a imagem de Ronaldinho. Segundo Herschmann, “Ronaldinho é um ídolo adorado em todo planeta e nem por isso deixa de ser idolatrado, sacralizado como herói nacional.” E aí ele indaga: “sua biografia, como a de todo herói, não é certamente uma forte referência na construção de identidades coletivas, nacionais?” Acreditamos que nossa análise responde esta questão, apesar de que continuamos necessitando de mais pesquisa empírica (além de material de jornal, material televisivo, entrevistas etc.) para se ter uma idéia melhor. Consideramos em nossa análise que ídolos como Ronaldinho são cada vez menos "heróis nacionais". É como se o Ronaldinho fosse mais da Nike do que do Brasil. Os jogadores mais importantes estão cada vez mais associados ao "jet set" internacional: vivem na Europa e fazem contratos milionários com multinacionais. Muito diferente do futebol até a década de 70. Tudo ganhou dimensões muito mais "globalizadas". cremos que um sintoma é sempre voltar à tona essas idéias de formar uma seleção brasileira formada por jogadores que atuam no Brasil, porque os "estrangeiros" "não honram a camisa amarela", "não estão mais interessados, porque ganham muito dinheiro lá fora" etc.<sup>23</sup>

O futebol ainda opera como um mecanismo integrador/totalizador. No entanto, os agentes do universo futebolístico, não mais trabalham no sentido desta associação, ou pelo

---

<sup>23</sup> Poderíamos lembrar o Ayrton Senna. Mas o Senna é um caso totalmente diferente. Ele tinha um comportamento especial. Sempre investiu muito em sua associação com símbolos nacionais, como a bandeira brasileira, por exemplo. É como se "recusasse" a ser um produto. Veja a diferença da forma como o povo encarou o Senna e o Piquet. O Piquet apesar de ser excelente (quase tão bom quanto o Senna), nunca teve o mesmo investimento nessa relação com o Brasil.

menos da maneira clara e conscientemente dirigida como na época do Mário Filho. Essa associação aparece de forma difusa -- numa narração do locutor da Rede Globo de Televisão, Galvão Bueno, por exemplo; numa crônica "saudosista" do Armando Nogueira; no desabafo dos torcedores quando a seleção perde jogos ou se apresenta mal. Mas ao mesmo tempo, há todo um outro discurso que fala de uma outra coisa, absolutamente diferente: futebol-mercado, futebol como um "negócio", marketing, clube-empresa, internacionalização, necessidade de uma gestão empresarial e, neste sentido, "a pátria vai calçando chuteiras cada vez menores"<sup>24</sup>.

### Referências Bibliográficas

- Alabarces, Pablo** - *Fútbol y Pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2002
- Anderson, Benedict** – *Imagined Communities: reflections on the origins and spread of nationalism* – New York, Verso, 1991 (Primeira edição 1983).
- Archetti, Eduardo**. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en La Argentina*. Buenos Aires, Editorial Antropofagia, 2003.
- Castro, Ruy** – *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* – São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- Gastaldo, Édison** – *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo* – São Leopoldo, Editora Unisinos, 2002.
- Gordon, César e Helal, Ronaldo** – “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century” – in J.A. Mangan e Costa, Lamartine (orgs.) *Sport in Latin American Society: past and present*, Londres, Frank Cass, 2002.
- Hall, Stuart** – *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* – Rio de Janeiro, DP& A Editora, 2001
- Helal, Ronaldo** – “Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário” – in Alabarces, Pablo *Futbologías: fútbol, identidad y violencia em América Latina*, Buenos Aires, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO*, 2003.
- Helal, Ronaldo** – “Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho” – in *Motus Corporis* vol. 9, número 2, Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 2002.
- Helal, Ronaldo** – *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil* – Petrópolis, Vozes, 1997.
- Helal, Ronaldo e Gordon, César** – “A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI” – in *ECO-PÓS – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.
- Hirschman, Albert** - *As Paixões e Interesses: argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo* – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- Perdigão, Paulo** – *Anatomia de Uma Derrota* – Porto Alegre, L & PM, 1986.
- Pereira, Leonardo** – *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

---

<sup>24</sup> Frase proferida pelo professor Hugo Lovisoló, também membro do grupo Deporte y Sociedad, em entrevista ao Jornal O Globo em 1 de outubro de 2001.

**Filho, Mário Rodrigues** – *O Negro no Futebol Brasileiro* – Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.

**Soares, Antonio Jorge** - “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro.” – In: R. Helal, A. J. Soares e H. Lovisolo, *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria* – Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

**Soares, Antônio Jorge** - *Futebol, Raça e Nacionalidade: releitura da história oficial* – Tese de Doutorado defendida em novembro de 1998 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Inédito.

**Soares, Antônio Jorge; Helal, Ronaldo; Bartholo, Thiago y Salles, José Geraldo** – “Mídia e os dilemas identitários do atleta no século XXI: o conflito Guga-Olympicos-Diadora”. Artigo aceito no GT “Estudios sobre Periodismo” da Alaic, La Plata, 2004.

**Souto, Sérgio** - *Imprensa e Memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa* – Dissertação de Mestrado defendida em junho de 2002 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense. Inédito.

**Viana, Hermano**. *O mistério do samba* – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.

**Vogel, Arno** – “O Momento Feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional” in Da Matta (org.) *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

## **Os Autores**

Ronaldo Helal é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador do CNPq e co-líder do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” do CNPq.

Antônio Jorge Soares é professor do Programa de Pós-graduação em Educação Física (Mestrado e Doutorado) da Universidade Gama Filho e membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” do CNPq.

## **Resumo**

O artigo realiza uma análise sobre a narrativa da imprensa na cobertura da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 2002. O material concentra-se nos suplementos esportivos do Jornal do Brasil durante a Copa do Mundo de 2002 – iniciando-se dois dias antes e terminando dois dias após, totalizando 32 exemplares. Parte-se da hipótese que o epíteto “Brasil: país do futebol”, que possui uma dimensão mais intensa e singular em época de Copa do Mundo, vem declinando e as narrativas jornalísticas em torno da seleção brasileira de futebol já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação. A reflexão sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que

possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística que se constitui num dos pilares da profissão.